PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA ENSINO DE GEOGRAFIA

(RECIFE)

<http://www.revista.ufpe.br/ensinodegeografia>

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

A CIDADE COMO PALCO DA APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA: PENSAR A CIDADE, CONCEBER A CIDADANIA

Lorena Alves

Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

l.allvesz@gmail.com

Lucas Antônio Viana Botelho

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco e Professor substituto do curso de Geografia da UFPE.

lucasviana.botelho@gmail.com

RESUMO: Enquanto espaço onde se apresentam teias de relações sociais, políticas, econômicas, ambientais, etc., a cidade concentra diversos aspectos que viabilizam a aprendizagem geográfica. Ou seja, na cidade pode-se constatar elementos que permitem ao professor de Geografia mediar a compreensão dos processos que dão origem às tramas relacionais em sociedade e, conseqüentemente, levar o aluno a construir o senso de cidadania. Este artigo objetiva compreender como a cidade, do ponto de vista da Geografia, permite pensar e construir a cidadania, durante o processo de formação do aluno, enquanto sujeito social. Para tal, faz-se uma revisão bibliográfica, transitando por entre referenciais que compõe um estado do conhecimento sobre a temática, abrindo espaço para um debate acerca da pertinência de tratar a cidade em sala de aula, como espaço que em si próprio contém inúmeros diálogos passíveis de serem retratados por professores e alunos em busca do aprender Geografia.

Palavras-chave: Aprendizagem; Ensino de Geografia; Cidade; Cidadania.

THE CITY AS GEOGRAPHICAL LEARNING STAGE: TO THINK THE CITY, TO CONCEIVE CITIZENSHIP

ABSTRACT: As a space where social, political, economic, environmental, etc., the city concentrates several aspects that make possible the geographical learning. In other words, in the city one can see elements that allow the Geography teacher to mediate the understanding of the processes that give rise to the relational plots in society and, consequently, to lead the student to build a sense of citizenship. This article aims to understand how the city, from the point of view of Geography, allows thinking and building citizenship, during the process of student formation, as a social subject. To do this, a bibliographical review is carried out, passing through references that compose a state of knowledge on the subject, opening space

for a debate about the pertinence of treating the city in the classroom, as a space that in itself contains innumerable dialogues able to be portrayed by teachers and students in search of learning Geography.

Keywords: Learning; Geography Teaching; City; Citizenship

INTRODUÇÃO

A cidade, o espaço urbano, é dotada de características únicas. Tais características elencam uma série de elementos que possibilitam a compreensão de processos históricos, sociológicos, filosóficos, geográficos, ambientais etc., que favorecem o entendimento da vida em sociedade e do sistema-mundo. Ou seja, é na cidade que se percebe, de modo palpável, a cidadania, em suas mais variadas dimensões e escalas da ação.

Pensar a cidade é aprender e experimentar uma noção do que vem a ser sociedade, enquanto modo (des)organizado, de agrupamento humano, pois nem sempre o modo de vida na cidade apresenta-se esteticamente organizado. Nesse sentido, a cidade, em sua malha, contém uma trama de relações e problemáticas que possibilitam a compreensão dos fenômenos que lançam as bases do entendimento das forças produtivas e dos modos de vida histórica e socialmente constituídos em sociedade.

De tal maneira, é importante que se tenha a cidade como este espaço vivo, em que coexistem diversas e diferentes estruturas capazes de levar a um pensamento espacial, sobretudo através do ensino. Neste caso, o ensino de Geografia, na escola, está totalmente voltado ao fomento deste constructo no/com o aluno, na busca por levá-lo a entender-se como sujeito social, em direção a uma formação cidadã. É na cidade, principalmente, que aportes podem mediar esta construção, ao permitir com que o aluno perceba este “movimento vivo” que torna a cidade, seja ela grande, média ou pequena, um espaço onde encontram-se e desencontram-se processos, elementos, sujeitos e ações dos mais diversos tipos e modos.

Este artigo objetiva compreender como a cidade, do ponto de vista da Geografia, permite pensar e construir a cidadania, durante o processo de formação do aluno, enquanto sujeito social. Para tal, faz-se uma revisão bibliográfica, transitando por entre referenciais que compõe um estado do conhecimento sobre a temática, abrindo espaço para um debate acerca da pertinência de tratar a cidade em sala de aula, como espaço que em si próprio contém inúmeros diálogos passíveis de serem retratados por professores e alunos em busca do aprender Geografia.

A VIDA URBANA E AS FRAGILIDADES PRESENTES NO COTIDIANO SOCIAL: pensando a cidade através do ensino de Geografia

Ao pensar-se a cidade, é possível transportar-se para um ambiente que compreende um aglomerado humano, acomodados em diversos tipos de residências, construída sob ou por entre áreas ocupadas por vegetação, morros, áreas planas, ou seja, variados arranjos topográficos. No entanto, a cidade, como todo espaço habitado, não é perfeita. Como dito, a cidade é constituída por uma trama de relações que englobam elementos que denunciam modos de produção, consumo e reprodução da organização do trabalho, além de outros aspectos, tais como o arranjo socioeconômico, a relação sociedade-natureza etc., os quais nem sempre se apresentam e se organizam de modo harmônico.

Pensar a cidade, do ponto de vista da Geografia, segundo Cavalcanti (2008), pode incorrer em diversas concepções e formas de enxergar o que ela é e pode significar. Ou seja, a cidade pode constituir um território, onde se estabelecem relações de poder mediadas por forças produtivas e políticas; pode ser um lugar, onde se estabelecem relações em variados níveis de aproximação entre os sujeitos, mas também de afastamento e segregação entre eles; pode ser uma região, dotada de características que lhe conferem unicidade geográfica, mediante seus arredores. São estes variados enfoques que concebem visões de mundo, a partir da visualização e do entendimento dos fenômenos que desenham e são desenhados na/pela cidade.

Segundo Brenner (2014), a intensificação da busca por compreender o urbano deve-se ao fato de uma paralela intensificação do processo que dá origem às cidades: a urbanização. É através deste processo que emergem elementos que conferem às cidades os aspectos que fazem alusão às forças produtivas e a materialização das condições para a existência de relações sociais. Segundo o autor, há desafios para a compreensão da cidade e de seu avanço, tanto no que se refere aos aspectos endógenos quanto exógenos a ela. São estes desafios que provocam estudos que levam a novas formas de entender as dinâmicas urbanas, entendendo que o processo de urbanização é intensamente dinâmico e produtor de diversas feições e funcionalidades, fixos e fluxos, formas e conteúdos, processos e demandas, segundo Santos (2006).

A cidade, portanto, é dinâmica. Essa dinâmica adquire uma materialidade e distribuição de fenômenos que desencadeiam avanços e retrocessos urbanísticos. A espacialidade dos fenômenos que dão origem e desenvolvem a urbanização, que também é fenômeno, que interessa à Geografia e, claro, deve tornar-se interesse de todo cidadão que habita a cidade, de modo que ele pense e dialogue a respeito da mesma, compreendendo os fenômenos produzidos pelo processo de urbanização, tanto em seu aspecto que configura avanços quanto os retrocessos evidenciados e denunciados.

Primariamente, é na escola que se inicia este processo de pensar a cidade, enquanto espaço geográfico, e sua importância para a vida do aluno, ou seja, o futuro cidadão, segundo confirma Cavalcanti (2008, p. 64).

A geografia é uma das ciências que se têm dedicado à análise da cidade e da vida urbana. Como ciência social, ela o faz pela perspectiva social, porém com um determinado enfoque. A geografia é uma leitura, uma determinada leitura da realidade. É a leitura do ponto de vista da espacialidade. Seu objeto de estudo é o espaço geográfico.

No entanto, o pensamento construído pela Geografia, sobretudo na escola, não pode ser mediado por uma visão deslumbrada do que é a cidade, pois a mesma, como dito, apresenta-se de forma esteticamente (des)organizada, o que denota que os processos que a dão origem e a faz expandir-se, interna e externamente, também não ocorrem de maneira igualitária em todos os pontos da mesma. É esta maneira de pensar que conduz ao exercício da cidadania ou a um estado de consciência cidadã.

É, sobretudo, no aspecto estético/visível que se visualiza os diversos impactos gerados por avanços e retrocessos causados pelo processo de urbanização, o qual está intimamente associado e é viabilizado pelo macro processo de globalização, segundo Brenner (2014). De tal forma, a cidade, hoje, é a representação da hegemonia do capital e do poder político, extremamente vinculado a este capital, segundo Barbosa (2014). No entanto, a cidade tornou-se também palco de mobilização dos sujeitos em busca de novas condições de vida urbana, na luta por uma melhor distribuição de melhorias nas cidades, denunciando as fragilidades que compõem a vida na urbe e em contra-hegemonia aos discursos dos sujeitos políticos e econômicos que denigrem a vida urbana, tal como expõe Barbosa (2014, p. 166).

Multiplica-se na cidade a produção de representações, discursos e ações de contestação da ordem instituída, quer seja a partir de mobilizações iniciadas

em redes sociais da internet, quer a partir da produção/divulgação de materiais audiovisuais de diversas fontes e ações diretas no espaço público (passeatas, ocupações, intervenções artísticas, dentre outros).

A vida nas cidades, mesmo marcada por um regramento ditado pelo capital, também se torna, pouco a pouco, pensada por seus moradores que insistem em ocupa-la, na tentativa de expor ao poder público que eles estão atentos ao seu lugar, território, região e espaço. Ou seja, acabam mobilizando-se geograficamente, historicamente, sociologicamente etc., apossando-se do conhecer e ocupar a cidade, do pensar a mesma para dialoga-la.

E é importante que o ensino viabilize, cada vez mais, um pensamento espacial/geográfico, segundo Lache (2012), que não seja redutor da realidade, mas que caminhe para a formação de sujeitos críticos e atuantes. E que essa criticidade seja acompanhada de um engajamento social, pois a mesma deve fornecer elementos de análise e ação aos sujeitos moradores da cidade (CAVALCANTI, 2008). A escola e o ensino de Geografia, enquanto instância inicial que possibilita a construção/formação dos indivíduos e da coletividade social (os cidadãos), segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), deve buscar trazer aos sujeitos, de forma dialógica, esta visão de sociedade para além do vislumbamento com a “paisagem-cenário” (BARBOSA, 2014, p. 171) e seu(s) modernismo(s), que aos poucos tenta “esconder” ou “apagar” as marcas históricas, culturais, ambientais etc., que dão/deram condições à existência da cidade como palco destes mesmos sujeitos e atores políticos, econômicos e sociais.

É fato que o cotidiano social urbano apresenta inúmeras fragilidades socioeconômicas, sociopolíticas e socioambientais que interferem diretamente na vida dos indivíduos que habitam a cidade. Por este mesmo fato é preciso que o ensino escolar promova uma maneira de pensar que vá de encontro à racionalidade lógico-formal que impera na construção das cidades, ou seja, sem que se leve em conta a mobilização social.

Segundo Cavalcanti (2008, 72) “As contra-racionalidades – a resistência do e no lugar – dependem da organização coletiva da sociedade, dependem da definição e da conquista de territórios, da prática de uma cidadania consciente” e o ensino de Geografia, de modo histórico, vem buscando este movimento de formação cidadã, a partir de três linhas de pensamento, as quais a autora destaca, sendo elas: a cidade enquanto lócus do exercício e da construção da cidadania; a cidade educadora; e a cultura e os sujeitos urbanos. Nestas três linhas, o ensino, segundo a mesma, apresenta-se como instrumento de concretização do pensamento espacial-geográfico que mobiliza os sujeitos e atores sociais que ocuparão os

bairros e lugares da cidade, almejando uma gestão democrática, viva e eficaz da cidade, de um modo geral.

POR UMA FORMAÇÃO CIDADÃ NA ESCOLA: a cidade como palco da aprendizagem geográfica

Para construir sentidos e significados, no âmbito da aprendizagem geográfica, é necessário conceber o ensino como um terreno de diálogos entre professores e alunos, entendendo a importância de tomar a fala dos alunos como instrumento de mobilização do conhecimento geográfico por parte destes indivíduos.

Certamente a discussão acerca de aspectos de suma relevância como a apropriação do espaço, sua produção, bem como os direitos na cidade, o esclarecer sobre os diversificados papéis dos agentes envolvidos na trama cotidiana que rotineiramente escrevem e reescrevem a história na/da cidade, entre uma outra série de fatores consideráveis, se convergem, nas aulas de Geografia, num ponto essencial, que reiteramos ser o ponto de partida para o desabrochar crítico do aluno. Acreditamos que a reflexão do educando acerca de tais eixos, presentes diariamente no seu cotidiano, acabam fazendo, acabam fazendo com que ele se perceba como agente ativo, atuando no processo de produção de seu espaço vivido. (PAIVA e JÚNIOR, 2005, p. 134)

Segundo Oliveira (2014), na contramão da visão homogênea e uniforme que a escola ainda reluta em conduzir, a cidade propicia “[...] uma pluralidade de sujeitos, de culturas, de instituições, de estímulos, de sensibilidades, ou seja, como experiência de aprendizagem muito diversificada e descontrolada para os padrões escolares [...]”. Na concepção da autora, e em diálogo com Cavalcanti (2008), a cidade alterna estes aspectos e tendências de forma que, na escola, não se torne possível compreender, através de uma visão oblíqua estimulada pelo livro didático, por exemplo, tamanha complexidade. A cidade, em si, é complexa e dinâmica demais para ser unicamente lida/compreendida por meio do que está posto no livro didático, sem que se construam diálogos com a realidade.

Esta complexidade está presente na vida dos alunos, em suas vivências e em sua empiria, em suas representações sociais em construção, em seus discursos que se engendram durante sua formação e reconhecimento enquanto sujeitos e, obviamente, cidadãos. Portanto, torna-se necessário que o ensino de Geografia possibilite este diálogo com o aluno, permitindo que, mesmo que não compreendendo a dinâmica urbana em sua totalidade, se

visualize o contexto da cidade, reconhecendo a dinamicidade e complexidade do urbano, não a vendo como uma parcela, assim como é investigado por Bitoun (2000) ao mencionar a diferenciação entre cidade, concebida como área central e desenvolvida, e subúrbio, concebido com certo distanciamento da cidade. Nesse quesito, ao se propor que o ensino viabilize a formação de cidadãos socialmente pensantes e institucionalmente/politicamente engajados, é necessário que a visão de cidade como uma totalidade seja propagada e ecoada na prática escolar, impregnando os discursos dos docentes e dos alunos, desmistificando e desarmando as diferenciações resistentes na mentalidade dos indivíduos da urbe.

Desta forma, é necessário que a cidade seja compreendida objetiva e subjetivamente, traçando estratégias de ensino/didático-pedagógicas que enfoquem uma análise espacial da cidade e sobre a cidade, ou seja, desde onde se localiza até suas características menos visíveis, como reforça Callai (2000).

Construir a aprendizagem geográfica, tomando a cidade como conteúdo, faz emergir uma visão de mundo e de sociedade aberta ao diálogo com as problemáticas e fragilidades que compõem a cidade, como reforça Oliveira (2014, p. 157).

Nesta perspectiva estudar a cidade significa compreender como o mundo se organiza, como se transforma, como age o capital, como se organizam as grandes firmas, como acontece a produção, o destino do produto, a circulação, a informação e o papel que o Estado assume numa economia de mercado cada vez mais mundializada gerando concentração de riqueza e acentuando o caráter desigual do desenvolvimento.

Mas é necessário que se diga até mais: estudar a cidade é também compreender a diversidade de contextos culturais e identitários, movimentos sociopolíticos, além da própria dinâmica que se apresenta entre homem-meio/sociedade-natureza. E é na interseção entre a compreensão dos aspectos globais e locais, que se materializam na cidade, que se concebe a formação do cidadão. Conforme reforça Siqueira (2014, p. 345) “É possível compreender que a geografia pode contribuir muito com esta possibilidade de atuação, de intervenção no âmbito do estudo da/na cidade para o fortalecimento do espaço cidadão.” e, conseqüentemente, permitir que a cidade torne-se um território de diálogos (BITOUN, 2000), em que a hegemonia do capital não venha a entrincheirar a cidade, criando centralidades e periferias relacionadas a estes espaços valorizados.

Promover um ensino cidadão, em que a corresponsabilidade (JACOBI, 2003) com a gestão da cidade seja um objetivo deste processo formativo, é uma necessidade

contemporânea da escola e do ensino de Geografia, enquanto instituição social e disciplina que permite o reconhecimento da sociedade e do espaço do cidadão, respectivamente.

Neste movimento de construção de um olhar geográfico a partir do espaço urbano, o aluno é elevado a condição de sujeito e partícipe das tramas sociais, vendo a si próprio na confecção do tecido social que impulsiona o processo de urbanização. Para que este sujeito consiga apreender e aprender este cenário, no qual ele se insere e está contextualizado, é preciso que haja a mediação do professor, permitindo a este indivíduo uma olhar crítico, uma vontade reflexiva que lhe faça transpor uma compreensão rasa sobre a cidade, mas uma compreensão que gere neste aluno o desejo pela ocupação do espaço urbano com o conhecimento geográfico que desenvolve na escola.

A cidade, como palco de aprendizagem, nesta perspectiva, deve ser também espaço para múltiplas aprendizagens, permitindo a (re)construção deste conhecimento de forma cotidiana, acompanhando o próprio movimento da vida deste sujeito em sua cotidianidade (CAVALCANTI, 2008). Partindo disto, convém dizer que a cidade não pode estar retratada apenas como conteúdo de ensino, como tema em tela na sala de aula, mas como conteúdo da vida destes sujeitos aprendizes da Geografia.

A construção da cidadania, a partir deste olhar por sobre a dinamicidade dos espaços urbanos, deve ser processo contínuo, no qual a escola e a Geografia atuam como propulsoras, se fazendo presentes na vida destes alunos por intermédio não apenas do “enculcamento” de conteúdos transferidos sem quaisquer manipulações didáticas, mas um diálogo sobre e a partir da vida na cidade que estes sujeitos desenvolvem ao longo de suas práticas sociais situadas, desde a locomoção diária aos espaços urbanos bairristicos.

O ponto de vista do aluno, e a referência que o motiva a aprender, é sempre o cotidiano que o cerca, as vivências e experiências que se materializam no chão dos lugares. É necessário, então, que o professor-mediador tome estas experiências como mecanismo de desenvolvimento de uma consciência mais ampla sobre o urbano, uma consciência social situada, ativa, capaz de dialogar não apenas com a realidade imediata, mas com o espaço como um todo. Ou seja, o professor precisa convencer este aluno a perceber o lugar habitado como espaço da cidade, como produto dela e como partícipe das dinâmicas que nela acontecem cotidianamente.

Como destacado por Resende (2003, p. 83) é necessário fazer chamamento da realidade experimentada pelo aluno em seu cotidiano para as temáticas que transitam em sala

de aula, caso contrário estaria sendo-lhe negado o direito a pensar este espaço a partir do desenvolvimento da aprendizagem geográfica.

Nossa escola prefere, contudo, excluir este espaço real do espaço geográfico que ensinamos (razão manifesta: as impressões do aluno são irrelevantes; razão política: esse saber pode ser arriscado, subversivo para a própria geográfica, para a escola). Ao negar o espaço histórico do aluno (e, logo, da geografia), ela acaba fatalmente por marginalizar o próprio aluno como sujeito do processo de conhecimento e transforma-o em objeto desse processo. (RESENDE, 2003, p. 84 apud VESENTINI, 2008)

É a partir destas convicções que a aprendizagem geográfica, situada no cenário urbano, é desenvolvida, movendo-se no sentido da mobilização de um processo de inclusão do aluno como sujeito protagonista, ao qual é dada a oportunidade de roteirizar a construção do ensino-aprendizagem em Geografia. É necessário pensar em arranjos de aprendizagem que tornem possíveis a emergência de uma comunidade de aprendizagem pautada numa perspectiva de aprendizagem dialógica, onde todos os sujeitos participam igualitariamente na confecção tanto do planejamento dos processos quanto na execução destes.

Deste modo, fala-se de uma aprendizagem que vocaliza todos os sujeitos, permitindo-os expor seus pontos de vista, criando uma aprendizagem multirreferencial, onde os referenciais são as falas, expectativas, desejos, percepções e conhecimentos dos alunos e do professor. A cidade, como espaço da multiplicidade, enquanto conteúdo de ensino e temática de mobilização de uma aprendizagem geográfica, carece de sujeitos ativos e conscientes, dispostos a falar e a ouvir. Isto se torna possível por intermédio de um processo educativo que abra espaço, rompendo com os entraves impeditivos, para uma fala coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é o espaço inicial de contato como saber sistematizado, onde se inicia o processo de construção de uma visão de mundo e sociedade que media a vida dos indivíduos/cidadãos. A partir dessa constatação, é importante frisar a representatividade do ensino de Geografia nesta (ádua) tarefa.

Permitir ao aluno entender a sociedade, mesmo que de maneira ainda reduzida, lança as bases de uma práxis que possibilita a este sujeito transcender a realidade que lhe é imposta, a partir do momento em que pensa e age. Por meio da ótica freiriana isso se torna muito mais

palpável e concreta. A escola e o ensino de Geografia lançam os fundamentos de um pensamento liberto e libertário.

Há que se aproximar disto cada vez mais, há que se pensar num ensino que inviabilize a redução da realidade a uma ótica hegemônica e homogênea. E é na cidade que encontramos elementos que dão a dimensão de mundo e de sociedade para que estes alunos pensem sobre seu papel presente e futuro, enquanto habitantes da cidade, do bairro, da rua e do mundo.

Pensar a cidade, conseqüentemente leva ao pensamento das dinâmicas sociais globais, tendo em vista que na cidade concretizam-se as tendências globais, de autoria dos agentes econômicos, políticos e sociais globais. Essas tendências, percebidas pelos sujeitos e ensinadas/discutidas em sala de aula, conduzem a esta forma de pensar e agir cidadã, a partir do momento em que o sujeito conscientiza-se de seu papel para com a cidade, tanto no que toca a sua individualidade cidadã quanto à coletividade dos sujeitos que compõem a malha urbana.

É desta forma que se torna relevante à escola, ao ensino de Geografia e ao professor desta disciplina tomar a cidade como temática e como conteúdo de ensino, favorecendo a cidadania, o entendimento das dinâmicas e tendências da sociedade-mundo e autorizando os sujeitos a se reconhecerem como agentes que devem pensar, compreender e agir sobre o espaço urbano de forma corresponsável e cidadã.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, David Tavares. **Novos Recifes, velhos negócios**: política da paisagem no processo contemporâneo de transformações na bacia do Pina – Recife/PE. Recife: Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2014.

BITOUN, Jan. Territórios do diálogo: palavras da cidade e desafios da gestão participativa do Recife (Brasil). **Revista de Geografia**, vol. 2, Recife, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Geografia. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Ensino Fundamental, 1998. 156p.

BRENNER, Neil. Teses sobre a urbanização. **E-metropolis**, n. 19, ano 5, dezembro de 2014.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações do cotidiano. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-134

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, março/2003.

LACHE, Nubia Moreno. Pensar o espaço crítica e socialmente. Uma possibilidade de educação geográfica na escola. In: CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella; CAVALCANTI, Lana de Souza; CALLAI, Helena Copetti (orgs.). **Didática da Geografia: aportes teóricos e metodológicos**. São Paulo: Editora Xamã, 2012, 255p.

OLIVEIRA, Marlene Macário. A cidade no ensino de Geografia: uma contribuição do estudo do meio para se pensar a dimensão urbano-ambiental do espaço. In: OLIVEIRA, Marlene Macário; FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. **A formação docente em geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUEFCG, 2014.

PAIVA, Márcio Luis Alves; JÚNIOR, Martha Maria. O ensino de Geografia, a cidade e a construção da cidadania. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, Sobral, v. 6/7, n. 1, p. 123-140, 2004/2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

VESENTINI, José William. **Para uma Geografia crítica na escola**. São Paulo: Editora do autor, 2008.